



A DESVALORIZAÇÃO DO GÊNERO FEMININO FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO

Maria Helena Grabner RUIZ¹

RESUMO: O presente trabalho analisa a desvalorização da mulher dentro no mercado de trabalho, onde existem questões culturais, econômicas e políticas ao longo de toda a história da humanidade. O tema da pesquisa está inserido no campo da desigualdade e preconceito do gênero feminino, fazendo uso de literaturas e pesquisas, com intuito de investigar e discutir a construção da família, as formas de preconceitos sobre o gênero feminino, apresentando dados sobre a diferença das funções dentro do mercado de trabalho. A análise revelou que a mulher, responde pela vida doméstica, e realiza funções da área da vida pública, sobrecarregando-se de atividades que não são reconhecidas pela sociedade. A pesquisa, concluiu-se que, a inserção crescente da mulher do mercado de trabalho, espaços antes ocupados pelos homens, obtêm ganhos inferiores realizando mesmas funções que homens ocupam, tratando desigualmente os sexos opostos.

Palavras-chave: Desvalorização. Equidade. Mercado de trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A desvalorização da mulher no mercado de trabalho é histórico-cultural, fez com que o homem fosse superior a mulher, podendo-se ser marcado como desigualdade, que frente a luz, formas de dominação nas relações sociais entre os sexos opostos. Uma dominação que tem o reflexo da desigualdade social, econômica e política, precisando ser entendida pela sociedade.

O primeiro capítulo trouxe o modelo histórico da família, onde nos tempos antigos teve seu começo como uma linhagem matriarcal com a mulher no centro da

¹ Discente do 6º termo do curso de Direito do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. e-mail maria.grabne@hotmail.com

família, logo mais o homem descobriu sua força e passou a ser o chefe da casa tornado então a família patriarcal. Tais diferenças de gênero estavam presentes no modelo de família matriarcal que crescem na mudança para o patriarcado, que relacionou a divisão do sexo, a separação do trabalho, dos papéis na sociedade, formando preconceitos da capacidade intelectual da mulher. Uma relação de poder ao longo da história.

Logo mais, mostrou-se o fator histórico para a transformação social na participação da mulher na sociedade. Foi no período da Segunda Guerra Mundial, onde tiveram grandes conquistas como a inserção da mulher no mercado de trabalho. Com a posição feminina sendo fundamental para amenizar a ausência dos homens, ganhando força para a inserção da mulher no mercado de trabalho.

A forma desigual que as mulheres são tratadas, aparecem como preconceituosas, mesmo que sejam mais capacitadas profissionalmente. Antes as mulheres eram ensinadas a construir uma família, casando-se e pela maternidade, já nos tempos atuais as mulheres estão conquistando sua independência e mostrando a sociedade que são competentes para realizar tarefas domésticas, economias e políticas.

No capítulo IV foi observado e pesquisado a discriminação salarial entre ambos os sexos. Diante da sociedade as pessoas que possuem um nível de escolaridade maior, terão maior oportunidades para a imersão no mercado de trabalho. Segundo CAMARGO (2013), o gênero feminino é o mais adequado e preparado para o mercado de trabalho. Com tudo, a diferença com relação a equiparação salarial ainda verdadeira.

Por fim, a pesquisa enfocou como objetivo analisar o papel feminino dentro do mercado de trabalho, apontando as desigualdades sociais e salariais. A metodologia é a apresentação de pesquisas para compreender o papel da mulher na percepção da real importância tanto dentro de seus lares quanto para o setor produtivo, ou seja, no mercado de trabalho. Com relação aos procedimentos metodológicos, optou-se pela revisão bibliográfica em livros, artigos publicados em revistas científicas, jurisprudências, assim como o uso do método dedutivo de pesquisa.

2 MODELO HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO FAMILIAR

O modelo da família tradicional existe desde muito tempo atrás. Contudo, a passagem do tempo, este modelo existente de família foi se alterando. O modelo da família tem seu começo com a linhagem maternal, que traz a mulher como o centro da família, com seu importante papel na educação dos filhos e na organização do lar. (SANTOS, AMARAL, 2010, p. 33).

Após a descoberta do homem para seu papel no seio da família, torna o controle da mulher em suas mãos, que resulta na sua superioridade. Surge-se então a família patriarcal, que se impetra até hoje na sociedade atual.

2.1 A Família Patriarcal Ideal

Segundo Santos, Amaral (2010, p. 33), desde muitos anos passados o modelo familiar era constituído por uma linhagem maternal, ou seja, o centro da família girava em torno da mulher que era responsável por toda a educação dos filhos, bem como a organização familiar e dar continuidade para as tradições, ensinado as filhas de como ser uma boa mulher do lar. Já para os homens eram atribuídos dos trabalhos como os que exigiam força física para a criação de ferramentas, a manutenção da agricultura e a responsabilidade da criação de animais.

Em períodos a frente, logo o homem entende que tem seu papel social, bem como a procriação, assim toma pra si o poder se controlar a vida de sua mulher, ou seja, controlar a liberdade sexual e resultando em ser superior sobre todos.

Diante disso surge a família patriarcal, sendo o homem o responsável por prover o sustento da família, como os meios de produção e de renda. Segundo aos ensinamentos de Cano (1997, p.34), “[...] esse modelo patriarcal que se organizou no Brasil, constituía em um núcleo composto pelo patriarca e sua mulher, assim como pelos filhos legítimos, todos morando sob o mesmo teto[...]”.

Pode-se dizer que para uma família ser considerada família, teria que ser a patriarcal, que tem na sua composição o pai, mãe e filhos. O homem considerado

como o único provedor familiar na parte financeira, assim controlava os meios de produção, a renda e o patrimônio familiar, não obstante sua autoridade dentro do lar eram indiscutíveis. Conforme aos ensinamentos de Guimaraes (2009, p. 40) “Historicamente, foi reservado ao homem a função de prover a família e gerar vida pública e a mulher reservou-se o espaço doméstico.

3. A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Com a evolução social, grandes mudanças aconteceram ao redor do mundo. Pode-se dizer que a força, a coragem e a determinação do gênero feminino foi ganhando seu espaço.

A conquista do mercado profissional para a mulher se tornou cada vez mais imponente, contudo, foi preciso lutar para a igualdade entre ambos os gêneros, existindo grandes diferenças entre os sexos. O preconceito sofrido por mulheres dentro do mercado de trabalho muitas vezes passa por despercebido pela sociedade.

3.1 A Mulher na Conquista de seu Espaço no Âmbito do Trabalho

Com os novos conceitos de famílias sendo criadas, produziram grandes mudanças na questão da organização, educação e procriação da família. O novo sistema capitalista promoveu grandes mudanças dentro dos grupos familiar, mulheres donas de casa tiveram que se submeter na educação de seus filhos e a imersão no mercado de trabalho, como a mão de obra em indústrias, comércio.

Ainda segundo aos ensinamentos de Fávero (2007, p. 120):

O modelo de família nuclear, que se estabeleceu como padrão no ocidente, começou a mudar, ainda que de forma desigual, em suas diversas regiões. [...] aumentou a tendência de famílias chefiadas por mulheres e de pessoas vivendo sozinhas. A mudança da relação entre os sexos[...] foi marcada pelo direito ao divórcio, nascimentos ilegítimos, aumento de famílias com apenas um dos pais (uma maioria de mães solteiras), além do aumento das uniões consensuais- com predomínio dos laços afetivos em detrimento da formalização da união.

Segundo Probst (2007, p. 2), a primeira guerra mundial de 1914 contribuiu absurdamente para que a mulher obtenha espaço na sociedade. Devido aos grandes números de homens que estiveram à frente nas batalhas, resultando em uma ruptura do antigo mercado de trabalho, que passou, por sua vez, a ser ocupado pelas mulheres. A posição feminina foi decisiva para amenizar o grande déficit dos homens, com o aumento das convocações para a guerra. A inserção da mulher no mercado de trabalho ganhou força neste momento, pois tiveram que assumir posições só então assumidas por homens.

3.2 A Luta Feminina pela Igualdade de Gênero no Mercado de trabalho

. A partir do século XX a luta feminina conseguiu o direito ao voto, também como a autorização para a participação de movimentos feministas, ocupando lugares e posições normalmente ocupados por homens, entre muitos outros.

Analisado por Anastasia (1999. p. 38). “[...] a palavra cidadão foi, reiterada vezes, entendida como não comportando o feminino, ficando as mulheres excluídas da participação eleitoral até 1932”.

A força feminina buscava a equidade entre a igualdade de gênero e fazer legítimo uma sociedade especialmente igualitária, apesar que a sociedade e o mercado de trabalho completamente divergentes, como forma desigual e até mesmo preconceituosa, desvalorizando a mulher e sua capacidade de produção no mercado de trabalho.

3.3 A Participação da Mulher na Sociedade Frente ao Mercado de Trabalho

Perante a década de 1980, o aumento grandioso de mulheres exercendo diversos cargos no mercado de trabalho eram positivamente satisfatórios. Segundo Giddens (2005, p. 316):

O trabalho remunerado dos países ocidentais era uma esfera predominante masculina. Nas últimas décadas essa situação mudou radicalmente: um volume crescente de mulheres tem-se deslocado para a força de trabalho. Atualmente entre 35% e 60% das mulheres com idades entre 16 e 60 anos que vivem na maioria dos países europeus possuem empregos remunerados fora de casa.

Analisando ainda as relações entre gêneros, 2001, p. 217-239), relata que “[...] os papéis de gênero são os papéis socialmente construídos a partir de um conjunto de normas e prescrições que a sociedade e a cultura ditam sobre o comportamento masculino ou feminino”, por outro lado ressalva que “[...] as relações de gênero são vistas como práticas cotidianas do masculino / feminino”, ou seja, são as relações de poder.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014, p. 592)

Os primeiros dados oficiais de que se tem conhecimento apontam que, em 1872, elas representavam 45,5% da força de trabalho. Nesta época (...) as mulheres estavam empregadas predominantemente na agropecuária, nos serviços domésticos em lar alheio ou no serviço de costura por conta própria. Depois de 1920, a PEA feminina reduz-se drasticamente, em parte porque no momento do primeiro recenseamento boa parte da produção se desenvolvia nos limites domésticos

Em seguida, para as mulheres negras, foram abafadas a qualidades de vida significativamente mais difíceis, a escolha de manter-se fora do mercado apresentou-se com muito menos magnitude e estas tinham que trabalhar fora de casa para conseguir trazer renda para suas famílias. Ainda de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014, p. 594)

Um fator importante que distingue a realidade dessas mulheres é que o homem negro e pobre tinha remotas possibilidades de “cumprir” com os desígnios que a masculinidade burguesa lhe impunha. A instabilidade do trabalho e as baixas remunerações não só impediam que ele cumprisse com o papel de provedor que a sociedade sobre ele projetava, como também sustentava uma elevada mobilidade geográfica, motivada pela procura constante de um novo trabalho. Nestas circunstâncias, as mulheres não só conviviam periodicamente com a solidão, como tinham de trabalhar. Assim, ante a exclusão do homem negro da ordem social que consagrava o trabalho livre, foi a mulher negra o sustentáculo da raça.

Segundo Andrade (2016, p. 10), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), demonstra que entre os anos de 1976 e 2002 as porcentagens na atividade masculina variaram entre 73% e 76%, enquanto eram comparadas com as taxas femininas que saltaram de 29% para 50%.

Com o final dos movimentos feministas, a luta em favor dos direitos da criança e do adolescente, a mulher expande seu espaço na atuação social, tal como

ao inserir-se do mercado de trabalho, recebe a conquista e legitima seu espaço e contribui para o reconhecimento de ser social atuante. Se nos tempos antigos as mulheres eram ensinadas a construir família através do casamento, e pela maternidade. Nos dias atuais, tal fato foi refutado.

A luz dos ensinamentos de Coelho (2002, p. 74):

Hoje é cada vez maior o número de mulheres que querem construir projetos mais amplos, que incluam o bem-estar do grupo familiar [e] outros que simbolizam o espaço em que elaboram sua independência, lutando por seu reconhecimento pessoal.

Entendeu-se então que a mulher tem conquistado sua independência dentro do mercado de trabalho, lutando cada vez mais por seu reconhecimento tanto pessoal como profissional.

4. A DISCRIMINAÇÃO SALARIAL

Não somente do Brasil, mas ao redor do mundo, a discriminação entre os salários de homens e mulheres é absurdamente grande. Instituições grandes ou até mesmo empresas de pequeno porte, competem ao sexo masculino a vantagem salarial. A luta por essa equiparação vem se tornando existente nos tempos atuais.

Pesquisas são apresentadas diariamente, esclarecendo as vantagens que o gênero masculino obtém, tão somente por serem homens. Contudo, se mostra a grande preparação da mulher para a inserção no mercado de trabalho.

4.1 A Luta pela Equiparação Salarial entre Homens e Mulheres

Diante a década de 1990, torna verídico a inserção do poder feminino no mercado de trabalho, para a transformação de toda a estrutura produtiva, do processo de urbanização e da diminuição do número de integrantes familiares, fazendo-se assim a figura feminina mais disponível para atuar dentro do mercado de trabalho (CAMARGO, 2013, s.p).

Segundo KROSS (2013, p. 121), a diferença salarial entre os gêneros é mundial. Em alguns países, a diferença é maior ou menor, contudo, em todos os

países do mundo o gênero feminino obtém os menores salários, em comparação aos homens. Apesar da mulher ter a maior taxa de alfabetização e a maior frequência escolar, continua a renda feminina está a baixo em relação ao sexo oposto. Ou seja, mesmo que o gênero feminino obter o maior nível de capacidade intelectual e comprometimento profissional, continua sendo o gênero menos valorizado.

Entretanto, ainda que comprovado que as mulheres compõem um nível de escolaridade maior que os homens, estatísticas revelam que a participação feminina no mercado de trabalho sofre com a desigualdade salarial quando comparadas ao do gênero oposto (BRASIL, 2011, s.p). Apesar do mercado de trabalho tenha ampliado em relação as mulheres, a desigualdade entre os sexos sobre e a equiparação salarial ainda parece estar longe de se tornar uma realidade.

4.2 Interferência na Elevação Profissional Quanto ao do Gênero

Existem diversos estudos, pelos quais a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, tem entregado grande foco quanto a questão das diferenças em relação a remuneração salarial entre os sexos. Esse rendimento pode, portanto, ser lido das mais variadas formas e condições da inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho em determinada ocupação.

Diante dos fatos elencados, a equidade em todas as organizações espelha os reflexos da desigualdade, por mais que o gênero feminino esteja em igualdade e todos os requisitos de competências, em sua formação e seu desempenho. A remuneração masculina ainda tem sua predominância, pode-se afirmar por questões sociais e culturais foram estabelecidas ao longo de toda a história da humanidade. Mesmo o gênero feminino possuindo uma melhor aptidão em grande parte da qualificação profissional e acadêmica, possuem menor oportunidades, pois o mercado tende de conservar o mais tradicional, onde liderar, comandar são atribuições da cultura masculina. (SILVA, CARVALHO & SILVA, 2017, p.4-10).

Entende-se que as mulheres estão em constante evolução para a inserção ao mercado de trabalho, aos poucos ganhando lugares que até então seriam somente reservados a homens. Conforme os ensinamentos de Belissa (2013, s.p)

Elas ocupam a posição de 'chefe da casa' em quase metade dos domicílios brasileiros. Elas trabalham e são as responsáveis pelo sustento dessas famílias. E são essas mesmas mulheres que são alvo de discriminação no mercado de trabalho, recebendo salários mais baixos que os dos homens. Nem é preciso pegar a calculadora para fazer as contas: a desvalorização da mão de obra feminina diz muito sobre a pobreza no Brasil.

Ainda continua esclarecendo, que para as mulheres entrem no mercado de trabalho precisam se escolarizar.

são duas grandes conquistas do espaço público que as mulheres protagonizam ao longo do século 19 e consolidam no século 20: a entrada no mundo da escolarização e no mercado de trabalho. Essas duas conquistas tem a finalidade: para que as mulheres possam entrar no mundo do trabalho, elas têm que se escolarizar. Essa foi uma das principais bandeiras do Feminismo que reivindicou o acesso ao processo educacional, até então segredo aos homens. Portanto, as mulheres entraram para a escola, e isso significa que elas estão mais qualificadas para o mundo do trabalho.

4.3 A Política do Gênero Feminino

Os direitos da mulher são debatidos, visando a tornar as oportunidades igualitárias para as mulheres em todos os ambientes. Segundo Kloss (2013, p. 104), nota que é dever do Estado promover a igualdade das oportunidades diante das políticas públicas e leis que possam satisfazer as necessidades de grupos de menos favorecidos, impetrando o preconceito. Os governos e as sociedades devem estabelecer políticas que favorecem o gênero feminino para a imersão no mercado de trabalho, alcançando então a igualdade de gêneros.

Kloss (2013, p. 124), esclarece ainda que a discriminação da mulher no âmbito salarial, e que as mulheres recebem menores salários pelo mesmo tempo de trabalho realizado por um homem. Contrasta ainda que as políticas de gênero precisam ser aceleradas, para que as mulheres recebam as mesmas remunerações que os homens. Caso contrário serão necessários mais 87 anos para que se torne uma realidade.

5 CONCLUSÃO

Por mais que exista leis que regulamentam a garantia à igualdade entre os gêneros no mercado de trabalho, a mulher contemporânea na sua corrida profissional é notada pela insegurança e grandiosas barreiras que a sociedade patriarcal e machista é imposta. Por mais que a mulher tenha conseguido diariamente a sua posição na sociedade, percebe-se uma expressiva valorização do gênero masculino que ainda é predominante para deter os salários e cargos elevados no meio de trabalho.

Embora, toda a força que o gênero feminino tenha conseguido para ter sua inserção dos meios de produção que segue em ascensão, a mulher continua ocupando posições inferiores dentro do mercado de trabalho em relação aos homens com os mesmos cargos ocupados. Percebeu-se neste artigo que a força das mulheres no mercado de trabalho se estende primordialmente no setor terciário, bem como, educação, saúde e serviços sociais, sendo uma continuidade das obrigações familiares e domésticas.

Concluiu-se que apesar da existência de dados apresentados neste artigo, onde mostrou-se o grau de escolaridade feminino sendo superior ao masculino, a grande maioria das mulheres continuam exercendo trabalhos de baixa e média qualificação, com consequência de salários desiguais aos homens. Por mais que a mulher tenha a escolaridade superior ao dos homens, onde a maioria das universidades são compostas por elas, continuam não tendo ganho de salários equivalentes da sua capacidade profissional, muito menos a valorização qualificada de sua mão de obra. Como foi observado nesta pesquisa, são inúmeros fatos que revelam o quão desigual é o tratamento, e a desvalorização do gênero feminino dentro do mercado de trabalho, revelando que o predominante ainda é o modelo patriarcal inserido na sociedade, não valorizando o caráter profissional da mulher.

REFERÊNCIAS

ALVES, Bruno Franco; GUIMARAES, Marina Oliveira. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro: direitos, desigualdades e perspectiva. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro. Vol14. p,40. 2009

ANDRADE, Tania. **Mulheres no Mercado de Trabalho: onde Nasce a desigualdade?** Estudo Técnico. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/MARIA/Downloads/mulheres_mercado_andrade.pdf. Acesso em: 05 de out. 2021

BELISSA, Thaine. **Desvalorização da mulher no mercado de trabalho reflete na pobreza do país.** Portal Minas Livre. 07 mar. 2013. Disponível em: <https://www.sinprominas.org.br/noticias/desvalorizacao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-reflete-na-pobreza-do-pais/>. Acesso em: 09 de out. 2021

CAMARGO, Orson. **A mulher e o mercado de trabalho.** Revista Brasil Escola, 2013. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>. Acesso em: 02 de out. 2021

CANO, Maria Aparecida Tedeschi. **A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes: reflexos da ausência de perspectiva e as solicitações de ajuda.** 1997. p, 34. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/22/tde-14092007-141943/en.php>. Acesso em: 25 set. 2021

COELHO, virgínea Paes. **O trabalho da mulher, relações familiares e qualidade de vida.** *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, V. 71, p. 74, 2002.

F´SVERO, Eunice Teresinha. **Questão social e perda do poder familiar.** São Paulo: veras, p. 120. 2007

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 6ª, ed. Porto Alegre. Editora Penso, p. 316. 2011

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Relatório de Gestão Exercício de 2001.** Disponível em: www.ibge.gov.br/home/disseminacao/prestacaodecontas/relatgestao2001.shtm. Acesso em: 02 de out. 2021

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2011.** Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011. Acesso em: 02 de out. 2021

IPEA. Políticas sociais: acompanhamento e análise. Nº 22. IPEA: Brasília, 2014. **Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014.** Nota técnica nº 24. IPEA: Brasília, março de 2016. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27317. Acesso em: 02 out. 2021

KLOSS, Larissa Renata. **Desigualdades de Gênero no Trabalho.** 2013. Disponível em: https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/96325/2013_kloss_larissa_desigualdades_genero.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 09 de out.2021

LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de; ANASTASIA Fatima Junho. **A Participação Eleitoral: a ampliação do mercado, indicadores de participação, e distorções do sistema de representação.** Teoria & Sociedade: Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e antropologia, p. 38, 1999

PROBST, Elisiana Renata. **A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO.** Instituto Catarinense de pós-graduação. Disponível em: https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf. Acesso em: 18 set. 2021

SANTOS, Lorena Colato dos; AMARAL, Marciele. Torre do. **Desvalorização da mulher no mercado de trabalho.** 2010. 33 f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) – Faculdades Integradas de Santa fé do sul. 2010.

SARTORI, Ari José. **Homens e relações de gênero entre sindicalistas de esquerda em Florianópolis. Tempos e Lugares de Gênero.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Editora 34, 2001. p. 217-239.

SILVA, Celia Regina Ramos da. CARVALHO, Paula Manguiera de. SILVA Elisangela Leandro da. **Liderança feminina: a imagem da mulher atual no mercado corporativo das organizações brasileiras.** [s.d]. Disponível em <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170509163857.pdf>. Acesso em: 09 de out. 2021